

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

ROLAND BARTHES E A LINGUÍSTICA SAUSSURIANA

ROLAND BARTHES AND THE SAUSSUREAN LINGUISTICS

Leonardo Paiva Fernandes¹

RESUMO: Neste trabalho, comentamos como Barthes releu os conceitos saussurianos de analogia, signo, significado, significante, significação e valor, particularmente no texto “Saussure, o signo, a democracia”, escrito em 1973. Após a descoberta e a divulgação dos estudos sobre os anagramas, Barthes criticou o modelo de cientificidade de suas pesquisas semiológicas a partir da retomada da figura de um Saussure dividido entre a sensatez e a loucura.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure. História das Ideias Linguísticas. Roland Barthes.

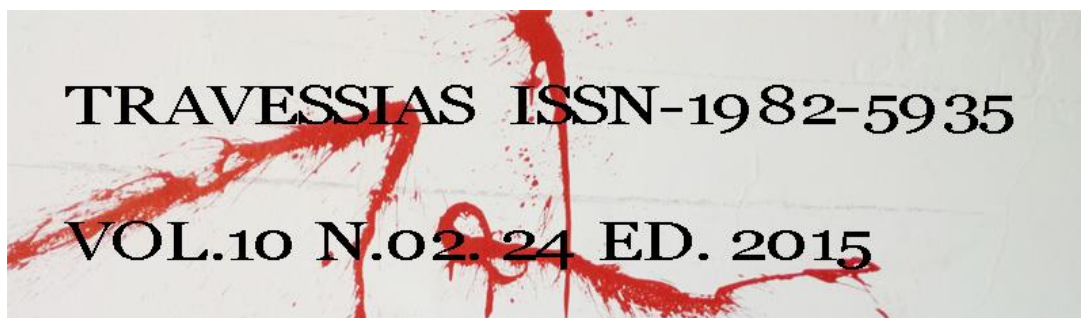
ABSTRACT: In this work, we comment how Barthes reread the Saussurean concepts of analogy, sign, signified, signifier, meaning and value, particularly in the text “Saussure, the Sign, Democracy” (1973). After the discovery and dissemination of the studies on anagrams, Barthes criticized the scientific model of their semiological researches from the resumption of Saussure figure divided between sanity and madness.

Keywords: Ferdinand de Saussure. History of Linguistic Ideas. Roland Barthes.

1 INTRODUÇÃO

Neste ensaio, buscamos compreender como Roland Barthes, no texto “Saussure, o signo, a democracia”, retomou as ideias de Ferdinand de Saussure acerca do signo, da analogia e do valor. A princípio, poderíamos questionar o sentido de ler um autor a partir de outro autor. O leitor “purista”, aquele que procura entender as ideias “verdadeiras” de Saussure, poderia se perguntar: por que corromper as ideias do autor-fonte tomando como base textos-leituras de um autor-outro? Não nos bastaria discutir as questões colocadas por Saussure em seus cursos, em seus escritos, em seus estudos sobre os anagramas ou sobre as lendas germânicas? Não

¹ Mestrando em Linguística pela UNICAMP. E-mail: leop_fernandes@yahoo.com.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Meus sinceros agradecimentos às leituras e aos comentários da Profa. Maria Fausta Pereira de Castro e de Thales de Medeiros Ribeiro.



poderíamos nos debruçar sobre o signo, o significado, o significante, a significação e, sobretudo, o valor, e trazer uma reflexão “autêntica” dos trabalhos de Saussure?

Calamos este ensaio em um caminho aberto a partir da descoberta e divulgação dos estudos saussurianos acerca dos anagramas². Tal caminho nos leva à figura³ de um autor dividido entre a sensatez e a loucura. Um autor que, já dividido em outra época, foi tido, no início dos anos 70⁴, como o homem que ora tilintou o metal solar da ciência, ora palmilhou a pedra lunar da poética.

Embora não nos posicionemos junto àqueles que opõem o autor-lúcido do *Curso de Linguística Geral (CLG)*⁵ e o autor-louco dos estudos dos anagramas⁶, pretendemos compreender como Saussure foi retomado por um autor que encontrou no trabalho do genebrino um campo próspero e fecundo de leituras, de concordâncias, de contestações, de releituras, de retomadas, de silêncio. Se a figura de Saussure foi pluralizada, como a oposição autor dos anagramas/autor do *CLG* age sobre a obra de Barthes? Como Saussure retorna a um Barthes que já não acredita (ou parece não acreditar) na leitura-esperança de um autor descoberto em uma fase de denúncia dos mitos pequeno-burgueses⁷, em que a semiologia lhe aparecia, “em seu porvir, programa e tarefas, como o método fundamental da crítica ideológica”? (BARTHES, 2001, p. XIII).

Para refletirmos como essa oposição do autor Saussure age em um Barthes que não acredita mais no modelo de cientificidade da semiologia, iniciemos nossa leitura de “Saussure, o signo, a democracia”.

² Cujas primeiras publicações, apresentadas e comentadas por Jean Starobinski, ocorreram em 1964 no *Mercure de France*. Cf.: Starobinski (1971). A divulgação de tais estudos se encontra, ainda hoje, em andamento.

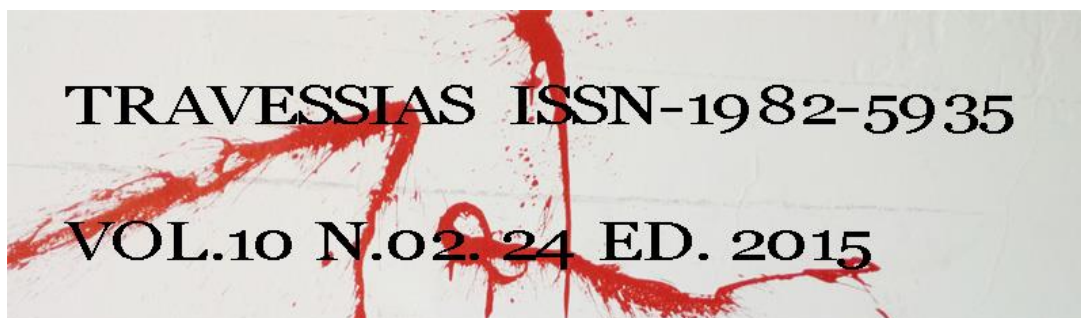
³ Empregamos o termo *figura* tendo em vista o trabalho de Jean-Claude Milner (2002) sobre a questão da autoria em Saussure.

⁴ Sobre os teóricos que pluralizaram as figuras de Saussure depois da descoberta dos anagramas, e a já antiga distinção entre o autor noturno (teórico especulativo) do *Curso de Linguística Geral* e o cristalino (positivo e genial) do *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, cf. Puech (2013).

⁵ Doravante, *CLG*.

⁶ Vários autores se debruçaram sobre o projeto saussuriano e suas possíveis/impossíveis relações. Para tanto, cf. as diferentes versões sobre o assunto em Gadet e Pêcheux (2004), Kristeva (2005), Puech (2013), Silva (2009) e Siscar (2010).

⁷ Referência à época iniciada com a obra *Mitologias*, em 1957, e que culminou com a publicação de *Elementos de semiologia* em 1964.



Em “Saussure, o signo, a democracia”⁸, Barthes toca em pontos fundamentais da teoria saussuriana. Nesse texto, após atravessar os principais termos e conceitos presentes no *CLG*, o autor defende que o modelo da linguística saussuriana é a democracia. Ao concluir suas reflexões, Barthes introduz, em um último parágrafo, a ideia de que um outro Saussure, o dos anagramas, “ouve a modernidade no formigar fônico e semântico dos versos arcaicos: então, nada mais de contrato, de clareza, de analogia, de valor: o ouro do significado é substituído pelo ouro do significante, metal não mais monetário mas poético.” (BARTHES, 2001, p. 175, grifo do autor). Barthes acredita que essa escuta teria enlouquecido Saussure, “que parece assim ter passado a vida entre a angústia do significado perdido e o retorno terrificante do significante puro.” (BARTHES, 2001, p. 175).

No *CLG*, Saussure define a analogia como “uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada.” (SAUSSURE, 1971, p. 187, grifo do autor). É a partir do processo de analogia que Barthes introduz seu texto, recuperando o exemplo posto no *CLG* acerca do emprego da palavra “traisait” na obra de Rousseau:

A língua popular, o próprio Rousseau, empregam “traisait” em vez de “trayait”: é que se conjuga “traire” segundo o modelo de “plaire”, que, no imperfeito, faz “plaisait”. Isso é uma proporção em quatro termos, que Saussure chama de **analogia** (analogia de fato quer dizer **proporção**, mas hoje falaríamos antes de uma **homologia**). (BARTHES, 2001, p. 169, grifo do autor).

Barthes nos coloca ante esse termo para explicitar o que Saussure nos traz no *CLG*: a importância criadora, mas ao mesmo tempo conservadora, da operação de analogia: “quando se trata da conservação de uma forma composta de vários elementos, ou de uma redistribuição da matéria linguística em novas construções, o papel da analogia é imenso; é sempre ela que está em jogo.” (SAUSSURE, 1971, p. 201).

Na “Segunda conferência proferida na Universidade de Genebra (novembro de 1891)”, Saussure já ressaltava a importância da operação de analogia em seus estudos. Nessa conferência, enfatizamos o modo como o autor discorre sobre a relação entre criação, memória e continuidade de elementos transmitidos na cadeia da língua:

⁸ Publicado pela primeira vez em *Le discours social* em abril de 1973 e, posteriormente, recolhido na obra *A aventura semiológica*, publicada na França em 1985.

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

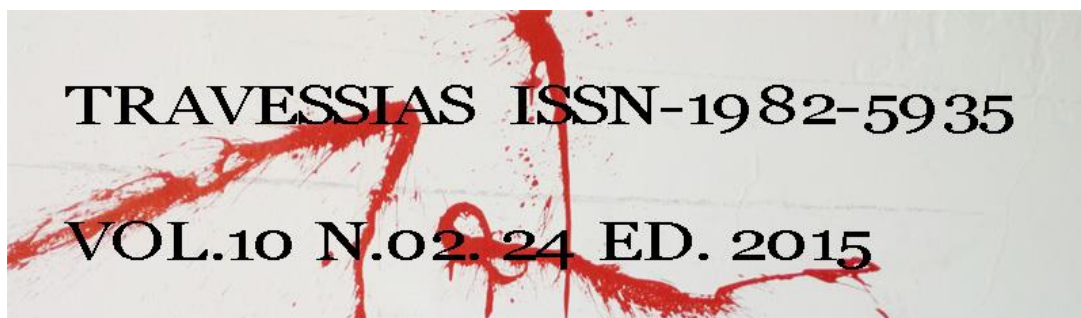
Não haverá jamais criação *ex nihilo*, mas cada inovação será uma nova aplicação de elementos fornecidos pelo estado anterior da linguagem. É assim que a renovação analógica que, em certo sentido, é muito destrutiva, se limita a continuar a cadeia de elementos transmitidos desde a origem das línguas, sem jamais conseguir rompê-la. [...] É possível que, se o poder e a precisão da nossa memória fossem infinitamente superiores ao que são, as novas formações por analogia fossem reduzidas a quase nada na vida da linguagem. Mas, na realidade, não é esse o caso, e uma língua qualquer num momento qualquer nada mais é do que um vasto enredamento de formações analógicas, algumas absolutamente recentes, outras que vêm de um passado tão distante que podemos apenas adivinhá-las. (SAUSSURE, 2004, p. 140).

Segundo Barthes, a promoção entusiástica de Saussure pela analogia ocorre, principalmente, devido à crítica que este autor dirige ao caráter geneticista de certos linguistas da época:

Com Saussure, há mudança epistemológica: o analogismo toma o lugar do evolucionismo, a imitação substitui a derivação. Não se diga, como toda gente, que “armazeneiro” vem de “armazém”; diga-se antes que “armazém/armazeneiro” se formou sobre o modelo “prisão/prisioneiro”. Não se diga que a ciência epistemológica tem por objetivo “remontar” de uma forma atual a uma forma original; contente-se em colocar a palavra numa configuração de termos vizinhos, numa rede de relações, que o Tempo – é esse o seu magro poder – não faz mais que deformar topologicamente. (BARTHES, 2001, p. 170, grifo nosso)⁹.

Por meio desse excerto, tecemos duas observações: 1) Barthes acredita que a analogia permitiu a Saussure mudar epistemologicamente os estudos linguísticos de seu tempo, dado que “o enxamear de fenômenos analógicos é muito mais importante [...] do que as mudanças de sons (que era o cavalo de batalha da linguística anterior)” (BARTHES, 2001, p. 169-170); 2) Barthes trata o tempo na teoria saussuriana como um deformador (de magro poder) da topologia da rede

⁹ No francês, Barthes (2002, p. 329) apresenta “magasinier”, “magasin”, “prison” e “prisonnier” (traduzidos aqui como “armazeneiro”, “armazém”, “prisão” e “prisioneiro”). É interessante notar que o exemplo “prisonnier” está presente nos cadernos de Albert Riedlinger. Encontramos uma importante passagem acerca da analogia nos cadernos de Riedlinger no *Les Sources Manuscrites du Cours de Linguistique Générale: « L'analogie*. La création, ou mieux : **novation** analogique, se rattache à ce qu'on vient de voir. Phénomène diachronique, à ce qu'il semblerait ; mais pour le produire, il faut l'action des forces synchroniques, du système. Exemples. Le mécanisme de l'analogie consiste d'abord dans l'interprétation de ce qui a été reçu, laquelle se manifeste par des distinctions d'unités : ex. : **gant-ier** (cf. **prisonn-ier**) > **gan-tier**, et par suite : **clou-tier** ; **des yeux** > **des zyeux**. Toute une partie du phénomène s'accomplit avant que se produise la combinaison nouvelle : il faut que les éléments en soient déjà prêts. La formule de la 4^e proportionnelle, si elle est vraie, implique l'analyse. La création analogique, même dans le cas d'une forme concurrente (**finals**, à côté de **finals**), n'est pas un changement ; il n'y a de changement que si on considère l'ensemble de la langue. » (RIEDLINGER, 1909 apud GODEL, 1969, p. 73, grifo do autor).



de relações da língua. A nosso ver, este último ponto toca em questões trazidas por alguns autores que se dedicam a estudar o tempo na teoria saussuriana, especialmente aqueles que não acreditam na afirmação de que o tempo altera a língua¹⁰, dado que

a questão para Saussure é a impossibilidade de se tratar simultaneamente um sistema de valores tomado em si (ou em um momento) e os sistemas de valores no eixo do tempo. Hipótese que é coerente com as inúmeras críticas do autor a uma visão cronológica da mudança linguística. (PEREIRA DE CASTRO, 2013, p. 88)¹¹.

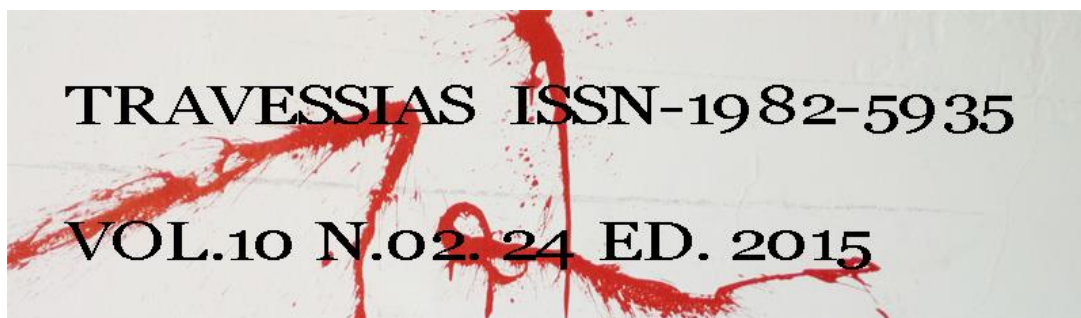
A imitação regular, trazida pela operação de analogia, e a eternidade, colocada na língua pela mesma operação, marcam, para Barthes, um passo importante nas reflexões de Saussure. Nesse sentido, “a língua, no seu próprio devir, já não é uma senhoria, mas uma democracia: os direitos e os deveres das palavras (que formam em suma o seu sentido) são limitados pela coexistência, a coabitação de indivíduos iguais.” (BARTHES, 2001, p. 171).

Embora onipotente, o princípio de analogia tem, entretanto, uma causa: “ele decorre do estatuto do signo; na língua, o signo é ‘arbitrário’, nenhum laço natural liga o significante e o significado, e essa arbitrariedade deve ser compensada por uma **força de estabilização**, que é a analogia.” (BARTHES, 2001, p. 171, grifo nosso). Pelo fato do signo não se manter por si só¹², “ele tem de se apoiar, para durar, nos seus entornos; as relações de vizinhança (de concidadania) vão tomar o lugar das relações de significação, o contrato vai substituir a natureza periclitante, porque incerta.” (BARTHES, 2001, p. 171-172). Para Barthes, esse trajeto saussuriano pela significação toma o aspecto de um “pequeno drama científico”, dado que “o linguista sofreu, parece, com as lacunas da significação, antes de chegar a colocar às claras a sua teoria do valor.” (BARTHES, 2001, p. 172).

¹⁰ Para tanto, cf. “O ‘Tempo na reflexão saussuriana” (ARRIVÉ, 2010) e “Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana” (PEREIRA DE CASTRO, 2013).

¹¹ Segundo Maria Fausta Pereira de Castro, “se o tempo não é agente da mudança [...] e, no caso do discurso, são os diferentes ‘atos de linguagem’ [...], e não o tempo, que introduzem variações que não chegam a alterar a identidade da palavra, nesse sentido, se o tempo é o mesmo, ele o é pela sua presença pressuposta em toda e qualquer alteração; tanto aquelas pequenas variações do discurso – os diferentes atos se projetam no tempo – como também as alterações pelas leis fonéticas que fizeram com que **calidum** tenha se convertido ‘regularmente’ a **chaud** no eixo da diacronia, mas mantendo sua identidade fonética. Não há propriamente um modo de intervenção do tempo.” (PEREIRA DE CASTRO, 2013, p. 97, grifo da autora).

¹² Um autor que expressa o mesmo pensamento de Barthes é Milner: “si un signe donné tient, c’est par les autres signes.” (MILNER, 2002, p. 33).



Barthes compara a relação interna do signo com uma mônada, pois “cada uma encerra no seu círculo – no seu ser – um significante e um significado: é a significação.” (BARTHES, 2001, p. 172). O autor afirma que Saussure, ao aceitar a ideia de significação, é levado a encarar dois problemas:

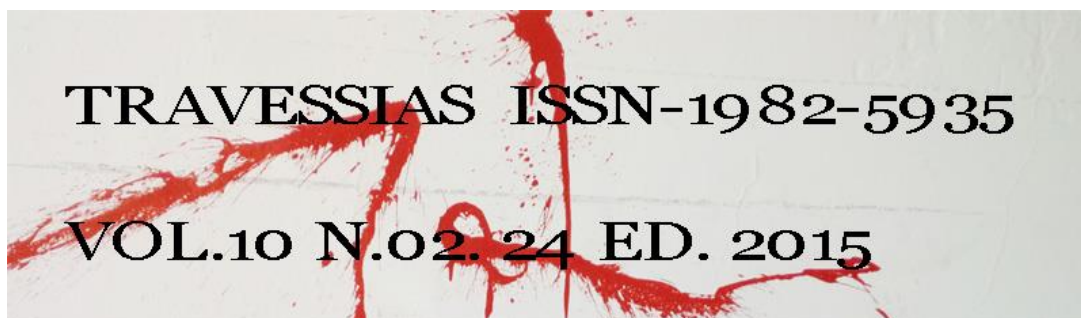
por um lado, se ela fosse articulada apenas sobre as mônadas, a língua nada mais seria do que uma coleção morta de signos, uma nomenclatura – o que evidentemente ela não é; por outro lado, se se reduz o sentido à relação vertical e como que fechada de um significante e de um significado, como essa relação não é natural, não se pode entender a estabilidade da língua: “Uma língua [se não passar de uma coleção de mônadas] é radicalmente impotente para se defender dos fatores que deslocam de instante a instante a relação entre o significante e o significado. Essa é uma das consequências da arbitrariedade do signo”; portanto, se nos limitássemos ao campo da significação, o Tempo, a Morte ameaçariam sem cessar a língua; esse risco é o fruto de uma espécie de Pecado Original – de que Saussure nunca parece consolar-se: a arbitrariedade do signo. (BARTHES, 2001, p. 172).

Saussure, quando apresenta a questão do valor no CLG, faz as seguintes indagações: em que difere o valor do que se chama significação? Essas duas palavras serão sinônimas? Para o autor, o valor,

tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue dele, apesar de estar sob sua dependência. É necessário, contudo, esclarecer esta questão, sob pena de reduzir a língua a uma simples nomenclatura. (SAUSSURE, 1971, p. 133).

Sabemos que Saussure criticou os estudos que reduziam a língua a uma simples nomenclatura, a “uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas.” (SAUSSURE, 1971, p. 79)¹³. Como Saussure resolveria esse embate? Barthes acredita que a “descoberta”

¹³ Essa crítica é colocada no início do capítulo “Natureza do signo linguístico”, em que as noções de **significado** e **significante** substituem as noções anteriormente utilizadas para descrever a relação interna do signo: o **conceito** e a **imagem acústica**. A partir dessa substituição, Saussure trabalhou os dois princípios fundamentais de sua teoria: a **arbitrariedade do signo** e o **caráter linear do significante**. Isso propiciou ao autor iniciar suas reflexões acerca do valor linguístico e de pensar a língua como um sistema de valores. Em “Sobre a essência dupla da linguagem” (2004, p. 30), notamos que Saussure traz os mesmos questionamentos quanto à possível confusão entre valor e significação. Embora aponte essa possível confusão, o autor adverte que a noção de valor “exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não **significa**, mas **vale**: esse é o ponto cardinal. Ela **vale**, por conseguinte ela implica a existência de outros **valores**.” (SAUSSURE, 2004, p. 30, grifo do autor).



saussuriana do valor linguístico fez com que a língua nem se tornasse uma “coleção morta de signos”, nem que o Tempo agisse sobre a língua. Nesse determinado ponto do texto, Barthes retorna com a questão do Tempo, e faz um comentário acerca da rejeição de Saussure à ideia de uma pura significação:

O pequeno drama de Saussure é que, contrariamente aos conservadores soberbos, ele não confia nem no Signo nem no Ouro; ele vê bem que a ligação do papel com o ouro, do significante com o significado, é móvel, precária; nada a garante; fica à mercê das vicissitudes do tempo, da História. Em sua ideia da significação, Saussure está, basicamente, no mesmo ponto da crise monetária atual: o ouro e seu substituto factício, o dólar, estão desmoronando: sonha-se com um sistema em que as moedas se sustentariam entre si, sem referência a um lastro natural. (BARTHES, 2001, p. 173).

Eis que Saussure “descobre” a questão do valor, esse “efeito de sustentação” da língua:

Partindo da constatação de que a frase funciona de modo diferente da simples justaposição, ao longo da cadeia falada, de signos fechados sobre si mesmos, e de que é preciso outra coisa para que a linguagem “pegue”, ele descobre o valor: pode então sair do impasse da significação: sendo incerta, frágil, a relação com o significado (com o ouro), o sistema inteiro (da língua, da moeda) se estabiliza pela sustentação dos significantes entre si (das moedas entre si). (BARTHES, 2001, p. 173).

Barthes faz um apontamento inusitado para explicar a noção de valor¹⁴:

¹⁴ Em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, texto de 1957, Jacques Lacan (1998, p. 502-503) já havia apresentado o exemplo das portas de lavabo, “onde se vê que, sem estender muito o alcance do significante implicado na experiência, ou seja, apenas duplicando a espécie nominal, pela simples justaposição de dois termos cujo sentido complementar parece ter que ser consolidado por ela, produz-se a surpresa de uma inesperada precipitação do sentido, na imagem de duas portas gêmeas que simbolizam, com o reservado oferecido ao homem ocidental para satisfazer suas necessidades naturais fora de casa, o imperativo que ele parece compartilhar com a grande maioria das comunidades primitivas, e que submete sua vida pública às leis da segregação urinária.”

HOMENS MULHERES



TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02. 24 ED. 2015

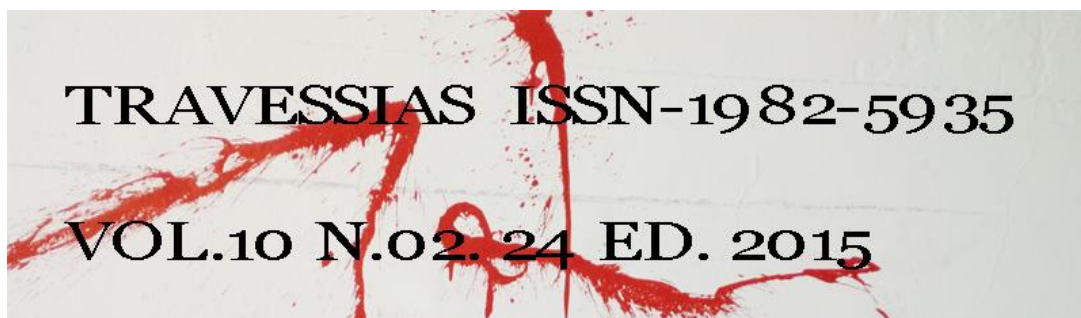
Que é o valor? Inútil relembrar, o *Curso* de Saussure é explícito nesse ponto. Demos apenas um exemplo, que não será o dos manuais de linguística (*sheep/mutton*): nos lavabos da universidade de Genebra vê-se uma inscrição muito particular (embora muito oficial): as duas portas, cuja dualidade obrigatória consagra geralmente a diferença dos sexos, estão ali sinalizadas, uma com “**Cavalheiros**”, a outra com “**Professores**”. Reduzida à sua pura significação, a inscrição não tem nenhum sentido: não seriam os professores “cavalheiros”? É no plano do valor que a oposição, tão aberrante quanto moral, se explica: dois paradigmas entram em colisão, dos quais só se leem as ruínas: **cavalheiros/senhoras // professores/estudantes**: no jogo da língua é de fato o valor (e não a significação) que detém a carga sensível, simbólica e social: neste caso, a da segregação, docente e sexual. (BARTHES, 2001, p. 173-174, grifo do autor)¹⁵.

Na leitura de Barthes, o valor é “o conceito redentor, que permite salvar a perenidade da língua e superar aquilo que se deve chamar de **angústia fiduciária**.” (BARTHES, 2001, p. 174, grifo do autor). Barthes afirma que Saussure tem uma concepção da linguagem muito próxima da de Paul Valéry. Tanto para este quanto para aquele, “o comércio, a linguagem, a moeda e o direito são definidos por um mesmo regime, o da reciprocidade: não podem se manter sem um contrato social, pois só o contrato pode corrigir a falta de lastro.” (BARTHES, 2001, p. 174). Essa falta de lastro, segundo o autor, teria obcecado mais a Saussure do que a Valéry:

A arbitrariedade do signo não ameaça introduzir a cada instante na linguagem o Tempo, a Morte, a Anarquia? Daí a necessidade vital para a língua, e por trás dela para a sociedade (necessidade ligada à sua sobrevivência), de estabelecer um sistema de regras: regras econômicas, regras democráticas, regras estruturais (da analogia e do valor), que aparentam todos esses sistemas a um jogo (o jogo de xadrez, metáfora central da linguística saussuriana): a língua se aproxima do sistema econômico a partir do momento em que este abandona o lastro-ouro, e do sistema político a partir do momento em que a sociedade passa da relação **natural** (eterna) do príncipe e dos seus súditos ao contrato social dos cidadãos entre si. O modelo da linguística saussuriana é a democracia: não tiremos argumento da situação biográfica de Saussure, notável genebrino, pertencente a uma das mais antigas democracias da Europa e, nessa nação, à cidade de Rousseau; indiquemos apenas a homologia incontestável que, no nível epistemológico, liga o contrato social e o contrato linguístico. (BARTHES, 2001, p. 174-175, grifo do autor).

Com isso, o autor pretendeu demonstrar como “o significante de fato entra no significado, ou seja, de uma forma que, embora não seja imaterial, coloca a questão de seu lugar na realidade.” (LACAN, 1998, p. 503).

¹⁵ No francês, os exemplos são encontrados como *messieurs/dames // professeurs/étudiants* (BARTHES, 2002, p. 332).



Barthes consegue atar tudo o que é exposto no início de seu texto: a questão da analogia retorna, a questão do Tempo retorna, a questão do valor é colocada como a grande cartada de Saussure: aquela que conseguirá trazer a resposta para Barthes de que o modelo da linguística saussuriana é a democracia.

Mas essa conclusão surte em Barthes um incômodo. E de onde surge esse incômodo? Surge, exatamente, da figura de um Saussure dividido, daquele Saussure que, durante a noite, tateia em poemas a pedra-significante do poético. Para Barthes, o “Saussure dos Anagramas” fez com que o “Saussure do Curso” enlouquecesse e passasse a vida “entre a angústia do significado perdido e o retorno terrificante do significante puro.” (BARTHES, 2001, p. 175).

Nesse ponto, surgem para nós algumas questões: se Barthes aceita a figura de um Saussure noturno, podemos dizer que o modelo democrático da linguística saussuriana desmorona e vai esconder o ouro-valor no fundo de uma terra abandonada, outrora arada pela ciência? Para Barthes, a ciência, esse monstro grosseiro¹⁶ criticado em *Aula*, teria atravancado as ideias de um Saussure que estava caminhando, pouco a pouco, ao encontro do eterno prazer do significante?

Aula é um texto menos explícito do que “Saussure, o signo, a democracia” quanto a leituras saussurianas, mas é nele que poderemos, possivelmente, responder às nossas últimas indagações: se a literatura seria o espaço propício para trapacearmos com a língua, trapacearmos a língua, dado que a língua, por nos obrigar a dizer, é fascista¹⁷, o modelo da linguística saussuriana (entendamos bem: o modelo da ciência) não seria mais o da democracia? Para Barthes, o Saussure que talvez tenha se deparado com o sabor do eterno prazer do significante fortaleceria essa trapaça contra uma linguística aos moldes fascistas?

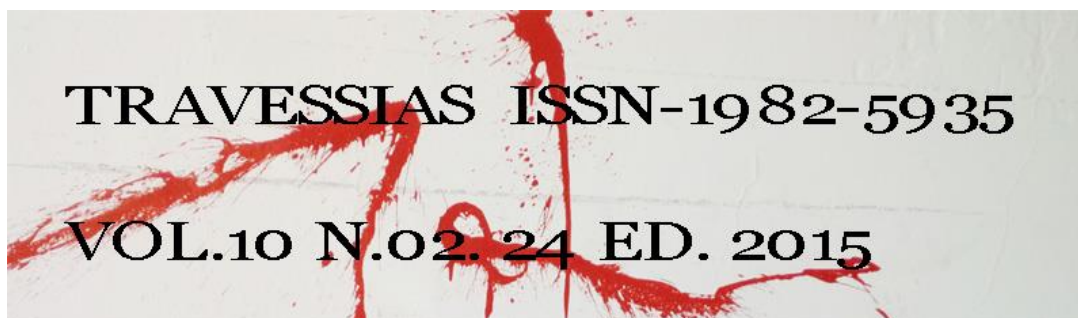
REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹⁶ “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa.” (BARTHES, 1979, p. 19).

¹⁷ “[A] língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.” (BARTHES, 1979, p. 14).



- _____. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- _____. Saussure, le signe, la démocratie. In : _____. *Oeuvres complètes IV (1971-1976)*. Paris : Seuil, 2002.
- GADET, François; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível*. Campinas: Pontes, 2004.
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genève : Librairie Droz, 1969.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-533.
- MILNER, Jean-Claude. Saussure. In: _____. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Éditions Du Seuil, 2002. p. 15-43.
- PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 87-98.
- PUECH, Christian. L'esprit de Saussure : reception et héritage (l'héritage linguistique saussurien : Paris contre Genève). *Les dossiers de HEL*, Paris, SHESL, 2013, n. 3. Disponível em: <<http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- _____. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SILVA, Karen Alves. Breve estudo sobre os anagramas e sua relação com a teoria do valor em Saussure. *Revista Letras & Letras*. Uberlândia, 2009, v. 25, p. 145-160.
- SISCAR, Marcos. A poesia a dois passos: sobre os *Anagramas* de Ferdinand de Saussure. In: _____. *Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. p. 267-286.
- STAROBINSKI, Jean. *Le mots sous le mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris : Gallimard, 1971.